

Compostagem de aves será obrigatória até o ano que vem

CRISTIANE BONIN

cristiane@jppjournal.com.br

A compostagem de aves mortas originadas da agroindústria se tornará exigência aos granjeiros em 2009, prática que é foco de projeto-piloto na Esalq (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz). Segundo o presidente da Associação Paulista de Avicultura, Erico Pozzer, a compostagem será incorporada às granjas por determinação da Secretaria Estadual da Agricultura e do Mapa (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). Costumeiramente, os granjeiros descartam tais aves em fossas, o que implica na poluição do solo e lençol freático, aspectos com impacto negativo ao meio ambiente e que, num futuro não muito distante, pode se tornar barreira comercial na exportação de frango.

De acordo com Pozzer, existem no Estado de São Paulo cerca de 3.400 granjas e até 40% delas já praticam a compostagem. “O uso de fossas se tornou um problema ambiental. Com a compostagem, além de um retorno econômico em forma de adubo orgânico, cessam os gastos para abrir as covas. As novas granjas já contemplam o processo em seus projetos. Entre os granjeiros mais velhos existe uma certa resistência à adesão da técnica, mas isso deve cair à medida que se percebe os benefícios.”

De acordo com o professor do Departamento de Genética da Esalq e responsável pela granja da escola, Antonio Augusto Domingos Coelho, a mortalidade das aves de corte acontece dentro das margens de 4% a 5% em relação ao número total da criação. Na Esalq, cada produção tem 40 mil aves e 2.000 morrem durante o período de 45 dias do nascimento ao abate. A granja existe desde 1988 e a compostagem das aves mortas foi iniciada no segundo semestre de 2007.

“Ainda é comum o uso das fossas, mas dá a necessidade para fins de certificação da produção,



Thales Degrecci e Ramon Morato são alunos de agronomia da Esalq e membros do Cepará

principalmente para empresas que exportam para países desenvolvidos da Europa, essa prática deve ser abolida. O acompanhamento do modelo de produção por parte de outros países engloba agressão ao meio ambiente. Isso fará com que as empresas busquem alternativas para o descarte das aves mortas”, disse Coelho.

O professor da área de genética é orientador do projeto-piloto de compostagem implantado pelo grupo Cepará (Centro de Estudos e Pesquisas para o Aproveitamento de Resíduos na Agricultura), que, por sua vez, tem como orientador o professor do Departamento de Ciência do Solo, Miguel Cooper.

“A compostagem consiste em uma solução razoável para o resíduo orgânico de granjas. Porém, faltam análises sobre o uso desse adubo orgânico e a possível transferência das propriedades do frango para as plantas. Mas, acredito que se esse adubo orgânico não tiver nenhum componente contaminante, não há grandes restrições”, disse Cooper.

Para o professor Coelho, os temores do comprometimento de um plantio por causa do uso do adubo produzido a partir das aves de corte está afastado. “Existem alguns mitos sobre o uso de hormônio na ração de frango de corte. Porém, o que são

usadas são enzimas que facilitam a absorção dos nutrientes no trato digestivo. É como o hábito que nós humanos temos de tomar lactobacilos. Dias antes do abate, as aves não recebem mais essas enzimas. É um exagero ter esse tipo de preocupação com a contaminação pelo adubo”, explicou.

O aluno do 4º ano de engenharia agrônoma, Ramon Morato, que integra o Cepará, destaca que a compostagem tem outras facetas: é acessível aos pequenos produtores, uma forma de propaganda “verde” e vislumbra a sustentabilidade. “O granjeiro pode vender o adubo ou usá-lo numa produção de alimentos orgânicos. Além disso, a agroindústria pode se valer da prática como marketing do tipo ecologicamente correto.” Segundo Coelho, o modelo de composteira usado na Esalq custou R\$ 200.

**Em SP, 40%
das 3.400
granjas
usam
compostagem**